



A beleza de ser uma família: um apelo ao cuidado

Linda Pocher FMA

Cuidar: uma "nova" linguagem

Na mensagem dada no Angelus no primeiro dia do ano de 2023, Papa Francisco lembrou a todos os cristãos do mundo a importância do cuidar: "se queremos realmente que o novo ano seja bom, se queremos reconstruir a *esperança*, devemos abandonar a nossa linguagem, os gestos e as escolhas inspiradas no egoísmo e aprender a linguagem do amor, que é o *cuidar*. Cuidar é uma linguagem nova, que vai contra as linguagens do egoísmo."

O Papa define o cuidar como uma "nova linguagem". No entanto, os seres humanos sempre conheceram os gestos da cura. Basta dizer que, sem cuidados, o ser humano simplesmente não consegue sobreviver: não tendo uma pele para se cobrir do frio; não tendo asas para subir alto em caso de perigo, não tendo dentes adequados para consumir a maior parte dos alimentos tal como se encontram na natureza, para sobreviver, o homem e a mulher precisam cuidar de si e dos outros. O filhote humano também é o único entre os mamíferos que no momento do nascimento não consegue ficar em pé sobre as pernas. O tempo que um recém-nascido está totalmente dependente dos cuidados maternos é extremamente mais longo do que em qualquer outra criatura!

Se assim é, se os seres humanos sempre precisaram de cuidados para sobreviver, que significa então que a linguagem do cuidar é uma "nova" linguagem?

Penso que podemos remeter o adjetivo "novo" a dois aspetos particulares da linguagem do cuidado. Em primeiro lugar, é uma linguagem nova, porque é a linguagem escolhida por Jesus para manifestar o rosto amoroso de Deus. O cuidar que Jesus tem por aqueles que encontra é evangélico: alimenta os famintos; liberta os oprimidos; Ele conforta os aflitos, ressuscita os mortos. Pensemos de modo particular nos gestos da Última Ceia, naqueles que Jesus deixou aos seus discípulos como memória da sua presença: a oferta do pão e do cálice e o lava-pés.

Abençoar o cálice, abençoar o pão e compartilhá-los com os comensais era um gesto típico do chefe de família judeu no tempo de Jesus. Quem sabe quantas vezes, ainda criança, viu José fazer este gesto à mesa da família! Jesus, porém, acrescenta uma nova palavra ao gesto tradicional: «este é o meu corpo»; "Este é o meu sangue." Na vida familiar, só a mãe pode literalmente dar o seu corpo como alimento aos seus filhos, durante a gravidez e durante a amamentação. Jesus, portanto, oferece-se aos seus discípulos como pai e mãe e convida-os a fazerem o mesmo uns pelos outros.

No lava-pés, Jesus realiza o gesto que, em famílias que não tinham servos, era realizado pela esposa tanto para com o marido, como para os filhos e convidados. Jesus lava os pés dos apóstolos, assim como, muitas vezes, Maria lhe lavou os pés na humilde morada de Nazaré. Aqueles que têm autoridade na Igreja, devem da mesma forma, comportar-se como alguém que serve. O "pai mestre" - uma figura paterna muito comum no tempo de Jesus - não é o modelo de pai que Jesus propõe aos crentes. O pai, segundo Jesus, é um pai materno, que integrou na sua personalidade e no seu modo de agir a ternura e a capacidade de cuidar que normalmente pertencem à mãe. A linguagem do cuidar é nova, porque Jesus a toma como sua e a propõe como modelo de vida a todos os crentes, homens e mulheres.

Além disso, a linguagem do cuidar, embora sempre tenha pertencido à experiência do ser humano e do cristão, é «nova» na reflexão e nos discursos da Igreja, uma vez que é uma categoria que só foi levada ao conhecimento de psicólogos, filósofos e teólogos no século XX, quando também as mulheres puderam finalmente dedicar-se sistematicamente ao estudo. A reflexão das mulheres, num certo sentido, deu palavras àquilo que Jesus, ao longo do seu caminho, realizou com os seus gestos.



A reflexão sobre o cuidar nasceu no campo ético, em particular no âmbito de uma pesquisa experimental sobre o amadurecimento moral do indivíduo. O psicólogo Lawrence Kohlberg, com base numa pesquisa feita com uma amostra significativa de indivíduos, acreditava que as mulheres não poderiam alcançar o mesmo grau de desenvolvimento moral que seus pares masculinos. Enquanto os homens, de facto, pareciam guiar-se sobretudo por um sentimento de justiça, que os levava a colocar o direito acima de tudo, as mulheres eram mais propensas a salvaguardar as relações interpessoais, mesmo à custa de abdicar de algo do ponto de vista da justiça.

O inquérito foi realizado num mundo em que a maioria das mulheres ainda dedicava as suas vidas quase exclusivamente aos cuidados: cuidar da casa, do marido, dos filhos, dos pais ou familiares idosos ou doentes. Diante do julgamento impiedoso de Kohlberg, uma de suas jovens alunas, Carol Gilligan, propôs uma leitura diferente do fato que emergiu das investigações: as mulheres não são "menos" desenvolvidas do ponto de vista moral, mas desenvolvem valores diferentes devido às diferentes tarefas que lhes são confiadas. Gilligan, desta forma, chamou a atenção de estudiosos e estudiosas da cena internacional para o tema do cuidar, que durante séculos foi injustamente considerado uma não-trabalho e uma coisa "de mulher".

Os estudiosos, então, começaram a questionar-se se a capacidade de cuidar pertencia apenas às mulheres e não aos homens. Entretanto, as condições sociais começaram a mudar, as mulheres mostraram-se capazes de preencher papéis que antes eram reservados aos homens, enquanto os homens mais corajosos começaram a colaborar mais ativamente com as mulheres na gestão da casa e no cuidado dos filhos.

Os estudos mais recentes tendem a afirmar que a necessidade e a capacidade de cuidar pertencem ao ser humano como características fundamentais que não podem ser eliminadas e que não dependem em nada de ser homem ou mulher. Da experiência do cuidar, recebido e dado, depende de facto o pleno desenvolvimento humano de ambos. Cuidar, portanto, não é uma prerrogativa que pertence à mulher de modo exclusivo, como Jesus também demonstrou nos gestos da Última Ceia, mas sim uma forma de entrar numa relação com o próximo que todos os seres humanos, e os cristãos em particular, deviam estar acostumados a pôr em prática.

Contudo, se estamos aqui hoje para falar e refletir sobre o tema do cuidar, devemos-lo às mulheres e à particular sensibilidade a esta linguagem, que cultivaram ao longo dos séculos. Isto significa também que, enquanto educadoras, devemos sentir-nos particularmente responsáveis pela formação das novas gerações, tanto masculinas como femininas, na linguagem sempre nova do cuidar.

A família, o local original de cuidados

A capacidade de cuidar, portanto, não pertence exclusivamente à mulher. No entanto, do ponto de vista «genético», isto é, no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal desta capacidade, o seu ponto de partida encontra-se inevitavelmente, para cada ser humano que vem ao mundo, na relação com a sua mãe. Sem o cuidado materno, que começa no momento da concepção e se manifesta como aceitação, proteção, alimento, o pequeno ser novo não poderia de forma alguma sobreviver. Esta necessidade é tão verdadeira que Jesus, o Filho de Deus, também precisou dela: para vir ao mundo, teve de confiar-se aos cuidados de uma mulher.

O Papa Francisco, na sua mensagem para o início do novo ano, oferece Maria como exemplo e modelo do cuidar:

"Enquanto ainda contemplamos Maria na gruta onde Jesus nasceu, podemos perguntar-nos: em que língua nos fala a Santíssima Virgem? Como fala Maria? O que podemos aprender com ela para este ano que está a começar? Podemos dizer: "Nossa Senhora, ensina-nos o que precisamos fazer este ano". De facto, se olharmos para a cena que a liturgia de hoje nos apresenta, notamos que Maria não fala. Ela acolhe com admiração o mistério que vive, guarda tudo no seu coração e, sobretudo, preocupa-se com o Menino, que – diz o Evangelho – estava «deitado na manjedoura» (Lc 2, 16). Este verbo «deitar» significa *deitar* com cuidado e diz-nos que a linguagem própria de Maria é a da *maternidade: cuidar do*



Menino com ternura. Esta é a grandeza de Maria: enquanto os anjos celebram, os pastores correm e todos louvam a Deus em voz alta pelo evento que aconteceu, Maria não fala, não entretém os convidados explicando o que lhe aconteceu, não rouba a cena – adoramos roubar o espetáculo! – pelo contrário, coloca o Menino no centro, cuidando dele com amor. Uma poetisa escreveu que Maria "sabia também ser solenemente muda, [...] porque não queria perder de vista o seu Deus" (A. Merini, *Corpo d'amore. Un incontro con Gesù*, Milão 2001, p. 114). Esta é a linguagem típica da maternidade: a *ternura do cuidar*. De facto, depois de levarem o dom de um misterioso prodígio no ventre durante nove meses, as mães continuam a colocar os filhos no centro de todas as atenções: alimentam-nos, seguram-nos nos braços, colocam-nos suavemente no berço. Cuidar: esta é também a linguagem da Mãe de Deus; A linguagem materna: cuidar".

Maria, no entanto, é importante lembrar, não estava sozinha cuidando da criança. A presença de José, ao lado de Maria, não deve ser subestimada. Uma mulher grávida, que predispõe toda a sua vida aos cuidados de um novo ser humano: corpo, mente, coração, tempo, por sua vez precisa de alguém para cuidar dela.

A linguagem do cuidar, é portanto, uma linguagem comunitária. A sabedoria africana expressa esta consciência através do famoso provérbio: "para criar uma criança você precisa de uma aldeia". O lugar original do cuidar, portanto, não é simplesmente a relação entre mãe e filho: é essa relação, é claro, mas inserida numa rede mais ampla de relações. Precisamente por isso, quando José descobre que Maria está grávida e quis abandoná-la, um anjo enviado por Deus convida-o a tomar conta, isto é, a cuidar da mãe e do filho. Muitos episódios de depressão *pós-parto*, desconforto que parece multiplicar-se nos dias de hoje, são atribuíveis à solidão vivida por muitas puérperas que, imediatamente após o parto, se veem sobrecarregadas com trabalhos domésticos e preocupações, sem o apoio de uma rede familiar adequada, capaz de prevenir necessidades e incentivar a mulher diante os inevitáveis fracassos.

Se, portanto, na relação pessoal com a nossa mãe, floresceu a nossa capacidade de receber e cuidar, é na vida familiar que a linguagem do cuidar se desenvolve na sua forma mais bela, que é a do cuidado mútuo, ou o cuidado como um "jogo de equipa". Dentro da família de sangue e na família maior que pode ser a escola, a paróquia e outras obras educativas, este é precisamente o grande desafio, o grande apelo que nos espera como adultos, pais e educadores: não só aprender a expressar-se cada vez mais e melhor através da nova linguagem do cuidar, mas para que as crianças, os jovens que nos foram confiados aprendam gradualmente a compreendê-la e a falar dela. Dom Bosco chamou-lhe-ia «espírito de família» e diria que o futuro da sociedade depende da transmissão desta linguagem.

Por isso, o Papa Francisco sublinha a ligação entre a educação para o cuidar e a educação para a paz, tanto na vida quotidiana como nas relações internacionais, e convida todos os crentes a renovarem «a consciência da responsabilidade que nos foi confiada de construir o futuro: face às crises pessoais e sociais que vivemos, face à tragédia da guerra, «somos chamados a enfrentar os desafios do nosso mundo com responsabilidade e compaixão» (*Mensagem para o Dia Mundial da Paz LVI*, 5). E podemos fazê-lo se cuidarmos uns dos outros e se, todos juntos, cuidarmos da nossa casa comum. Imploremos a Maria Santíssima, Mãe de Deus, que nesta época poluída pela desconfiança e pela indiferença, nos torne capazes de compaixão e de cuidar – capazes de ter compaixão e de cuidar – capazes de "se comover e parar diante do outro, sempre que necessário" (Ap. *Evangelii Gaudium*, 169)».

O Papa indica também os passos concretos da cura:

1. cuidar da nossa vida – cada um de nós deve cuidar da sua própria vida –; cuidar do nosso tempo, da nossa alma;
2. cuidar da criação e do ambiente em que vivemos;



3. e, mais ainda, cuidar do próximo, daqueles que o Senhor colocou ao nosso lado, bem como dos nossos irmãos e irmãs necessitados e que desafiam a nossa atenção e compaixão.

A ordem com a qual somos convidados a cuidar de nós mesmos; do ambiente em que vivemos e do próximo não é acidental: as duas primeiras indicações de cuidar, na verdade, são a base da terceira, que é realmente a mais importante, mas que não pode ser sustentada sem as outras duas.

Da linguagem do cuidar à relação de cuidar

Aprender a nova linguagem do cuidar não significa apenas ter atenção e respeito por nós mesmos e pelos outros e tentar, quando necessário, ter gestos de cuidar. Falar a linguagem do cuidar significa tomar consciência de que as relações que vivemos, especialmente no seio da família, são relações de cuidados, ou relações em que, de vez em quando, aqueles que são grandes tomam conta dos pequenos, aqueles que são fortes dos fracos, aqueles que são saudáveis dos doentes.

Esta simples observação ajuda-nos a focalizar três características importantes da linguagem do cuidar: 1. o cuidado é uma linguagem universal; 2. o cuidador exerce um poder; 3. A prova de fogo da autenticidade do cuidar é a promoção do bem do outro na sua autonomia e na respetiva capacidade de se deixar cuidar pelos outros.

1. Uma linguagem universal.

A linguagem do cuidar é compreensível por todos e por toda a parte, não só porque se exprime mais nos gestos do que nas palavras, mas também porque os gestos e as palavras que utiliza são modelados nas necessidades e capacidades do destinatário do cuidado. Veja-se, por exemplo, o cuidado de uma mãe pelo seu filho, que, como dissemos, é a experiência original do cuidar. Quanto mais nova a criança, mais é ela que dita a "lei" do cuidar, ou os tempos e modos pelos quais a mãe deve cuidar dela para que ela cresça saudável e feliz.

Além disso, a relação mãe-filho ensina-nos que os gestos de cuidar são, em certo sentido, incompletos e, portanto, ineficazes se não forem acompanhados da intenção de reconhecer, através deles, o valor único e pessoal de quem recebe os cuidados. Uma criança que é alimentada e mudada de forma mecânica, por um adulto que não tem interesse em tecer uma relação interpessoal com ela, falar com ela e acariciá-la apesar da sua incapacidade de responder a estas tensões, pode retardar o crescimento físico e o desenvolvimento psicológico, ao ponto de até se deixar morrer.

Da mesma forma, a mãe que cuida da criança, precisa ser apoiada tanto psicologicamente, através do reconhecimento e incentivo dos adultos que a rodeiam, como praticamente através de gestos que a levarem sempre que possível no esforço de gestão concreta da criança e da casa. Por isso, é importante que o pai e as demais figuras adultas presentes na família também sejam treinados na linguagem do cuidar!

A linguagem do cuidar, portanto, é universal porque pressupõe uma capacidade treinada de prestar atenção às necessidades reais do outro, juntamente com uma atitude de profundo respeito pela sua dignidade pessoal e pelo mistério de singularidade que ele carrega em si mesmo, mesmo quando o destinatário do cuidado é um adulto. Se tentarmos lembrar situações das nossas vidas em que a linguagem do cuidar falhou – como a experiência de um internamento que não foi muito positivo, ou um insucesso educativo ou uma situação em que a nossa oferta de cuidados foi rejeitada – podemos facilmente perceber que um destes dois elementos faltou: os gestos do cuidar eram realizados de forma impessoal, sem o reconhecimento da dignidade e singularidade do outro; Ou faltou uma escuta atenta, de modo que os gestos e as palavras de cuidar falharam, apesar da boa atenção, em intercetar as reais necessidades do outro, aliviar o seu sofrimento ou apoiá-lo na dificuldade.

2. Cuidar e poder.

Se a relação de cuidar é composta por um sujeito necessitado de cuidados e um sujeito que oferece cuidados, significa que entre os dois protagonistas da relação há sempre e por definição um desequilíbrio de poder. O cuidador "pode", algo que o outro "não pode". O caso paradigmático da relação entre mãe



e filho é evidente: o recém-nascido é totalmente confiado aos cuidados da mãe de quem depende completamente. O mesmo também acontece, porém, com nuances próprias, na relação médico-paciente e em toda relação educativa, onde o educador, em virtude de sua idade, de sua formação e de sua experiência, "pode" uma série de coisas que seu destinatário deve aprender pacientemente.

Infelizmente, no nosso mundo, quando ouvimos a palavra "poder" associamo-la imediatamente e quase sem nos apercebermos dela ao abuso de poder, isto é, todas aquelas situações em que a pessoa, por *estatuto*, por função ou por possibilidade deveria servir os outros, usa-a antes para os seus próprios fins. O abuso de poder, no entanto, é uma distorção de algo que é uma parte inevitável da experiência humana. "Poder", na verdade, é sinônimo de possibilidade e não é humanamente possível renunciar a ter "poder" na vida, porque para viver precisamos de "poder", ou possibilidades e espaço para pensar, sentir, agir, expressar-se e desenvolver as nossas habilidades pessoais.

Por vezes, infelizmente, mesmo na vida familiar, mesmo nas mais sagradas relações entre pais e filhos, entre irmãos e irmãs, bem como dentro do casal, a linguagem do cuidar pode subtilmente transformar-se em abuso de poder. Isso acontece especialmente quando a relação de cuidado carece de gratuidade. Também aqui as boas intenções não são suficientes. É necessário zelar pela própria forma de interagir com o outro, especialmente pelas próprias expectativas.

Pode acontecer-nos usar palavras ou formas subtilmente chantageadoras, culpabilizadoras, ou que tendem a menosprezar o outro, para o manter numa situação de inferioridade e dependência em relação a nós. Por vezes fazemo-lo porque é a forma de fazer as coisas que na nossa infância aprendemos, sem querer, no ambiente em que crescemos, que nos fez sofrer e, se não tivermos coragem para a desarmar, continuará a fazer sofrer aqueles que estão perto de nós e talvez até aqueles que vêm depois de nós.

Para contrariar esta tentação, que pertence, em certa medida, a todos nós, é muito útil cultivar a linguagem do cuidar dentro de relações «iguais», como as amizades e, naturalmente, a relação de casal, onde normalmente o dar e receber os cuidados se processam sob a forma de um intercâmbio mútuo. Pela mesma razão, é importante que a educação dos filhos seja sustentada por uma rede de relações de cuidados, que impeça que a relação mãe-filho ou até pai-filho se feche sobre si mesma e se torne sufocante.

3. Cuidado e liberdade.

Pela mesma razão, a prova de fogo da autenticidade do cuidado é a promoção do outro da sua autonomia e capacidade de se deixar cuidar por outros, alargando a rede de cuidados fora da família. O poder do cuidado é exercido na plenitude das suas potencialidades quando acompanha o outro num caminho de liberdade progressiva. Com efeito, a liberdade é indispensável ao amor. Cuidar da liberdade e da autonomia daqueles que nos foram confiados, ajudá-los a abrir as asas e voar na vida é a tarefa educativa por excelência, porque significa oferecer ao outro aquela base segura indispensável para poder enfrentar a vida com confiança e descobrir a beleza do dom de si ao próximo e a Deus. que é a expressão máxima do amor.

Isto significa que a relação de cuidar, ao mesmo tempo que estabelece um vínculo que permanece para sempre, está inevitavelmente destinada a mudar ao longo do tempo. O vínculo entre mãe e filho não pode ser apagado, porque está inscrito na carne da criança, que foi alimentada pela carne da mãe. No entanto, a forma como o cuidar de um pelo o outro é expresso deve mudar com o tempo. Tente pensar numa mulher que continua a amamentar uma criança com mais de 3 anos. Evidentemente que neste gesto, que é um gesto próprio da linguagem materna do cuidar, haveria algo de altamente inadequado e constrangedor no que diz respeito à liberdade da criança.

A linguagem do cuidar, aquela autêntica, conhece também as palavras do silêncio e da distância, quando o silêncio e a aceitação da distância são o que o ente querido precisa para crescer na sua liberdade e autonomia. Precisamente por isso, para falar bem a nova linguagem do cuidar, é importante também praticar no discernimento dos tempos e momentos, da proximidade e distância, da presença e da partida. Jesus e Maria são mestres nesta arte. Basta pensar na Ascensão ao Céu de Jesus ressuscitado, que, depois



de acompanhar os discípulos num intenso caminho de formação, lhes anuncia que «deve» deixá-los aos cuidados de outro formador: o Espírito Santo. Esta capacidade de Jesus, de compreender o momento certo para lançar os seus amigos pelos caminhos do mundo, é um traço pessoal que depende também da ação educativa de Maria. De facto, a Mãe, tanto no Evangelho de Lucas como no de João, mostra-se capaz de compreender quando é tempo de estar presente e quando se trata de se afastar. Em Caná, por exemplo, ela encoraja Jesus a manifestar-se ao mundo, mas depois desaparece, para se fazer presente novamente, ao lado do seu filho, apenas nos momentos de necessidade: aos pés da Cruz.

Conclusão

Ser família é um dom, uma graça que não pode ser merecida, mas que é recebida de Deus, nosso bom Pai, através das pessoas que nos deram a vida e através das pessoas que nos foram confiadas para crescermos juntos no amor. A beleza deste dom, no entanto, depende também da capacidade de cada um, do empenho de cada um em aprender a linguagem do cuidado.

É uma linguagem sempre «nova», porque nos pede que estejamos continuamente abertos e em escuta. Na escuta atenta do nosso coração e na escuta discreta do coração do próximo que vive ao nosso lado. Confiemo-nos a Maria, que o Papa nos indicou como modelo e mestra no cuidar, e não nos cansemos de recomeçar todos os dias a caminhar juntos pelos caminhos da vida.